



O SalaD é uma produção do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Regional da UnC- Canoinhas, registrado no Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq
Diagramação: Dorva Saibel

contato: salad@cni.unc.br

Editorial

Este mês de novembro, prezados leitores, o Sala D presta uma homenagem a um de seus articulistas, prematuramente falecido em acidente automobilístico. Se alguém tiver alguma dúvida de que o André Bazzanella foi um cara espetacular, leia nesse CN o que sobre Ele escrevem seus amigos. As qualidades que dele emanaram, muitas aqui agora ditadas, podem servir de norte a qualquer pessoa que nesse mundo a virtude persiga. Será justo que o Grupo de articulistas deste Sala D lhe honre sempre, desde agora.

É o que fazem os autores desta edição. A começar pelo comovedor e belíssimo artigo do Pe. Luiz Bazzanella, seu tio. Não fosse a irrefutável sabedoria contida em suas frases, seria de discordar que haja um só e microscópico pingo de justiça na morte do André. Mas só a morte de um grande ser humano pode reverter a dor da perda no sentimento mais sublime que os seres humanos souberam cultivar e através dele sobreviver. O amor que o André despertou manterá unidos os seus amigos e imortal a sua obra.

O que dizer então do que escreve o seu irmão, nosso igualmente caro Sandro, com a serenidade que lhe é possível neste momento, mas revelando, sobretudo, aquele ambíguo sentimento de tristeza na perda e de gratidão pelo privilégio da convivência. E convivência a cumplicidade, a ge-

nerosidade e a sapiência que esse companheirismo de sangue produz, mágica e incontrolavelmente, até que tudo isso, num só instante, tenha sido interrompido por um movimento do tempo cujo ponteiro do relógio imaginário tentamos desesperadamente parar, fazer retroceder e mudar o que aconteceu.

O sentimento de perda do nosso André é por fim digna e maravilhosamente expressado na Carta de Despedida dos alunos, Meguy Deise Correia, Édina Maria Burdzinski e Carlos Cesar Porto de Oliveira, falando em nome de todos os outros. Sim, de todos aqueles que tiveram o privilégio de conviver com o Professor André, inclusive o seu xará, o Professor André de Campos, inconformado, na Sala dos Professores, com a perda do amigo recente. E esses alunos, autores da Carta, capturaram a imagem, a lembrança mais bela e irretocável da grandeza do André Bazzanella: a lembrança do mestre nos corredores, “conversando conosco, trocando idéias e proporcionando-nos grandes contribuições intelectuais (e) a paixão pelo conhecimento”. Esse é o melhor de todos os mestres, o atencioso, rodeado de jovens admirados e curiosos, mentalmente sadios e ávidos pela palavra do mestre, pela sua interpretação e pelo seu sorriso. Que falta faz um sujeito desses!



ANDRÉ UM IRMÃO, UM AMIGO, UMA BELA VIDA...

Este é o texto que jamais pensei que um dia iria escrever. Não sei por onde começar, o que dizer. Há um campo da filosofia que estuda a linguagem humana e seus limites na representação do mundo, da existência, da vida. Nestes dias vivencio o abismo existente entre as palavras e os sentimentos. Escolho as palavras, mas elas insistem em não querer dizer o que penso, o que sinto. Elaborei uma sentença e tenho a impressão de que me afasto do André, não é isso que quero dizer... Enfim, insisto em dizer algo. Não quero silenciar diante de uma vida que foi vivida na intensidade da alegria, da amizade, da cumplicidade dos limites humanos.

Dia 16 de outubro, 9 horas, estou no quarto do Hotel em Canoinhas, articulando idéias e pensamentos em torno de um parágrafo da tese de doutorado. Re-

cebo uma ligação da UnC. É o Valdecir anunciando o acidente ocorrido com o André. Ligo imediatamente para a Margarete, minha esposa. Ela tenta acalmar meu desespero, mas também dá sinais de que está assustada, não quer acreditar. Vou com o Valdecir até Porto União. Hospital São Braz. Ao chegar encontro o Professor Armino e o professor Jacob. O estado do André é grave. A enfermeira Verônica me acompanha até a UTI. Vejo o André. Converso meu último monólogo com ele. Em seguida ele é encaminhado para o centro cirúrgico. Às 14 horas Dr. Ferrarri nos informa que os procedimentos cirúrgicos realizados transcorreram bem. Mais uma batalha contra a morte foi vencida. Porém, informamos de que as próximas 48 horas serão decisivas. Às 15h40m recebo, na companhia do professor Armino, a notícia funesta. Silêncio,

dor. Parecia um sonho, um pesadelo em que, a qualquer momento, quem sabe, eu poderia acordar e me livrar daquela situação... Enfim, aos amigos Valdecir, Armino, Jacob, Walter e Eduardo que presenciaram, em momentos diferentes, estes acontecimentos e me ajudaram a suportar tamanha dor, o agradecimento da família do André. “A morte está próxima o suficiente para não termos de temer a vida” (Nietzsche). André Bazzanella (1976-2009), nascido em Acurra, cidade localizada no vale do Itajaí, filho dos pequenos agricultores, Angelo Bazzanella (*In memoriam*) e Ana Bazzanella. Era o mais jovem dos quatro filhos do casal. Desenvolveu seus estudos de primeiro grau na Escola Básica Dep. Abel Ávila dos Santos. O segundo grau no Colégio São Paulo, pertencente aos Padres Salesianos. Graduado em Filosofia pela

FAFIMC, pertencente à PUC de Porto Alegre, com licenciatura em História e Psicologia no ano de 1997. Mestre em Educação e Cultura pela UDESC em 2004. Iniciou a carreira profissional no ano de 1998 lecionando Filosofia e História no Ensino Médio de escolas públicas e particulares em cidades circunvizinhas a Acurra, entre elas: Indaial, Timbó, Pomerode, Rodeio.

Em 2002 iniciou as atividades no meio acadêmico lecionando filosofia na FURB em Blumenau. Em 2004 na FAMEG em Guaratuba. Em 2007 na Uniasselvi em Blumenau, FAMEPLAN e UnC de Canoinhas. Seus interesses de estudo e pesquisa na filosofia articulavam-se em torno de filósofos como: Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer e Albert Camus entre outros e em áreas da filosofia como cosmologia, ética, estética e política. Publicou inúmeros artigos acadêmicos em revistas de circulação nacional e estadual, bem como outros tantos para jornais.

Preocupado com a preservação da memória dos imigrantes italianos que fundaram a cidade de Acurra pesquisava a cultura deles no município. Publicou vários trabalhos nesta área. Professor dedicado, pesquisador incansável, amante do conhecimento, era um jovem entusiasmado pela vida, pela natureza e pelos seres humanos, o que se revelava em intenso respeito e prestígio nos locais e instituições em que atuava.

“Todo homem seletto procura instintivamente seu castelo e seu retiro, onde esteja salvo do grande número, da multidão; onde possa esquecer a regra “homem”, enquanto exceção a ela”. (Nietzsche). Pensamento autônomo, crítico e criativo eram características do espírito filosófico do André. Sempre à procura dos mais altos cumes, dos melhores ventos, dos mais extensos e belos desertos, como condição de pensar por própria conta e risco. Um filósofo que cuidava muito bem de si a ponto de permitir àqueles que conviviam com ele também a experiência ética e política da importância de cuidarem bem de si mesmos, tornando a vida uma obra de arte a ser contemplada com familiares, com amigos e acadêmicos.

A fatalidade de sua morte representa uma perda inestimável em todos os sentidos e, especificamente, no meio acadêmico e intelectual catarinense. Porém, seu exemplo de empenho e dedicação à cultura, ao saber filosófico, histórico, sua aposta nos seres humanos ficam como exemplo a todas as pessoas que acreditam e vivem intensamente a vida no tempo presente.

“É certo que, em outro sentido, a vida do pensador é a mais custosa – nada é bom demais para ele; e privar-se justamente do melhor seria, no caso, uma privação insuportável.” (Nietzsche).

Valeu André... que bom ter vivido com você, muito obrigado!
Sandro Luiz Bazzanella
Irmão do André.

A MORTE NÃO É NADA

André Bazzanella. 33 anos de vida bem vivida. Estatura de homem pensante. “Uma vida que não foi questionada, não mereceu ser vivida” (Sócrates). Alma de menino. Irreverência de adolescente... moleque. Falante. Espírito aglutinador. Amante da natureza. Apreciador da beleza feminina. Amigo das crianças. Ligado à família. Estudioso da filosofia.

Detestava a hipocrisia e o interesse subreptício. Valorizava em extremo a honestidade. Seu ninho, o meio acadêmico. Amizades sólidas e verdadeiras. Inebriado pelo vinho da pedagogia salesiana do grande Dom Bosco. Tinha como missão formar pessoas críticas, pesquisadores apaixonados que não trilhassem apenas as sendas já batidas, mas enveredassem pelos atalhos do novo, do inovador, da descoberta, da verdade inconcussa.

Servia-se do arcaico apenas como raiz e fonte para dignificar o presente... “Colligo aurum de stercore Enni” (Virgílio). Provocava a prazerosidade na aprendizagem... a medicina salva vidas... a advocacia defende vidas... e a educação salva e defende.

Jovem de espírito livre e liberal. Os amores não correspondidos impediram-lhe a tão desejada realização de homem. Mas foi uma presença filial para a mãe (Ana). Buscou em mim (Luiz) o pai (Ángelo) perdido quando dos estudos filosóficos morando na Vila Elza, Viamão, RS (favella). Provocador de brincadeiras entre os irmãos (Sílvia, Sandro, Fábio). Insturor irreverente do sobrinho (Paulo Sérgio). Teve um irmão no cunhado (Mário). Amava os sobrinhos (Paulo Sérgio, Sandra, Vitória).

Fiel aos compromissos. Preparava as palestras com senso peripatético andando pelos meandros da filosofia da vida atual com os discípulos e... provocava-os... que não fossem apenas caçadores de “canudos” universitários, mas, produtores de conhecimento, formadores da consciência cidadã.

Desgostava-se quando entraves

externos lhe não permitiam adiantar projetos e planos, realizar amores. Prezava a liberdade para poder ser ele mesmo, original. Porém, era crédulo na sinceridade alheia. Não admitia em hipótese a hipocrisia. Isso fé-lo sofrer.

Bem! Foi péssimo ficar sem ele. Foi ótimo tê-lo tido como mestre, educador, formador, irmão, colega, filho, afilhado e tio. 33 anos de uma liberdade que não incluía cerceios. “O filho de seu menino ficou rapaz”, arguto profissional amador. Corria desesperado à busca da realização pessoal e no serviço qualificado à instituição.

Km 277 da SC 282, Poço Preto. Irineópolis. Subida em curva. Prenúncio de que não haveria descida. Missão concluída com medida plena e sacudida. Uma araucária tombou com ele. Estendeu-se ao lado da seara de trigo. Um caminhão VW cortou-lhe a trajetória. Não foi o destino.

Lugar ermo. Distante de sua amada Acurra. Longe da UNC. Mais longe da Uniasselvi. Próximo ao Campus (UNC) de Porto União.. O Hospital São Braz o medicou. Não conseguiu salvá-lo. Descansa no compasso de sua cidade natal. Mas Deus é justo. A verdade libertará. O que é a verdade neste fatídico acontecimento? A seu tempo, tudo será entendido. O dinheiro não paga a ausência. A moeda de troca é o amor. A saudade será imorredoura.

A vida foi uma trama bem urdida. A morte também. Cavou-se o abismo das saudades. Perdemos a verdadeira riqueza de um calor humano para amigos e parentes. Mas foi muito bom ele ter vivido esses 33 anos, como Cristo. Há um espinho na carne, pungente e saudosos, mas todos herdamos o valor dessa rica amizade.

André, seu tio amá-lo-á sempre assim como a um filho, sim. Nós todos. Adeus! Até mais! Até lá! Ai poderemos entender os porquês da tragicidade.

Pe. Luiz Bazzanella,
Salesiano de Dom Bosco

Professor André

Desculpe-nos pela demora, reconhecemos o nosso atraso, tantas homenagens seguramente teriam mais sentido se pudessem ser realizadas em vida.

Deixamos claro, que o sentimento de saudade nos invade, pois falta um mestre em nosso meio, falta alguém andando pelos corredores da UnC conversando conosco, trocando idéias e proporcionando-nos grandes contribuições intelectuais, é... Falta alguém! Não perdemos só um mestre, perdemos um grande amigo, alguém que estava sempre preocupado com a boa formação dos acadêmicos, o mestre que despertava em seus alunos a paixão pelo conhecimento, sempre com críticas construtivas seguidas de um sorriso.

Perdemos sim, nosso mestre André, mas, queremos dizer aos nossos mestres que ficam: Eduardo Gomes de Mello, Sandro Luiz

Bazzanella, Walter Marcos Knaesel Birkner, e demais professores (as) do curso de Ciências Sociais: somos gratos a vocês! A vossa presença e amizade, é de extrema importância, como era a do Professor André, para a nossa boa formação, vossas contribuições para o nosso intelecto fazem-nos buscar mais e mais a amizade pelo saber, e em troca terão o nosso eterno reconhecimento e a nossa “Superação”, como sempre lembrava nosso amigo André: “Paga-se mal a um mestre, quando se continua sempre a ser apenas o aluno” (Friedrich W. Nietzsche, Ecce Homo, 1888)

Carlos Cesar Porto de Oliveira
Edina Maria Burdzinski
Meguy Deise Corrêa
Acadêmicos da 2ª Fase – Curso de Ciências Sociais – Ênfase em Desenvolvimento Regional

Filosofia e Ciências Sociais

A Filosofia sempre esteve profundamente ligada às Ciências Sociais (consideremos aqui a sociologia), desde surgimento desta última, que se deu a partir de um novo caminho que a primeira tomou, até o período contemporâneo. As ciências sociais, sendo elas ciências, tomam alguns princípios que podem levar às questões que causam os chamados “períodos de crise”.

Estas interrogações e suas respostas não se mostram somente na confirmação dos fatos, ou nas regras da teoria científica, mas sim

através da reflexão filosófica. É um diálogo racional, um debate sistematizado que se dá entre duas formas de conhecimento social. Mais do que uma relação histórica entre a Filosofia e as Ciências Sociais, o que há na verdade é uma intensa e profunda “amizade” entre o filósofo e o cientista social/ciôlogo.

Prof. Ms. Eduardo Gomes de Mello
Sociólogo, professor e Coordenador do Curso de Ciências Sociais da Universidade do Contestado – Campus Canoinhas

O intelectual

Segundo o artigo escrito por João Carlos Soares Zuin (2003, p. 85)[1] A palavra intelectual nasceu na França (caso Dreyfus). “No dia 13 de Janeiro de 1898, dois dias após o Conselho de Guerra condenar o Capitão de artilharia Alfred Dreyfus por espionagem e traição à pátria”. Na ocasião o escritor Émile Zola escreveu e publicou uma carta aberta direcionada ao Presidente da República Félix Faure, como uma tentativa de reverter à sentença dada a Dreyfus. A carta continha “fortes acusações contra os Generais, contra os grafólogos, contra todo o Ministério de Guerra, contra a Justiça francesa”. O Artigo escrito por Zuin

((2003, p. 85) relata ainda que logo após ter sido publicada “a famosa carta *J'accuse*, na qual Émile Zola denunciava como falsas e forjadas as provas de alta traição apresentadas contra o Capitão, no mesmo jornal *L'Aurore* foi publicado um importante manifesto a favor de Dreyfus”. Assinaram o manifesto cento e duas pessoas, dentre elas “importantes cientistas, escritores e artistas, os autores do manifesto atacavam o modo como o julgamento foi conduzido e manipulado pelos juízes e militares, e exigiam a revisão do processo”. Na época a opinião chamou o documento de “Manifesto dos Intelectuais”.

ZUIN, João Carlos Soares. Estudos de Sociologia, Araraquara, 2003



Últimas vagas! Curso de pós-graduação Lato Sensu em

Saúde Pública

Inscrições:
www.cni.unc.br ou pos@cni.unc.br ou (47) 3622 9935.

Investimento:
Inscrição - R\$ 50,00
20 parcelas de R\$ 250,00

Universidade do Contestado – Canoinhas/Porto União (SC).



Coral Edelweiss - S.B. Sul

06 de dezembro 2009 20horas Igreja Luterana - centro - Canoinhas